

**Sou
Diferente,
Sou
Fantástico!**

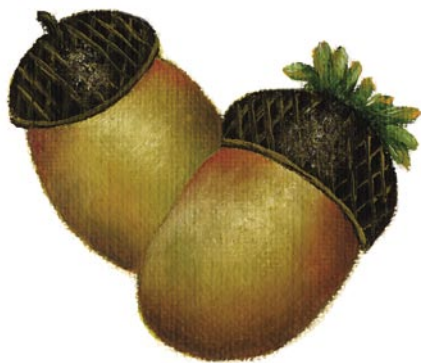
Sou Diferente, Sou Fantástico!

Susana Teles Margarido

Ilustrado por
Marília Ascenso e Fedra Santos



Este livro é para todas as meninas e todos os meninos que querem ajudar a construir um mundo mais justo.



Falar de igualdade não é exigir que as pessoas sejam todas iguais.

As pessoas são diferentes. São diferentes porque têm cores diferentes, porque têm sexos diferentes, porque pensam de forma diferente, porque gostam de coisas diferentes. São diferentes, porque... não são iguais!

Falar de igualdade quer dizer que, apesar de sermos todas e todos diferentes, temos que respeitar essas diferenças, porque temos iguais deveres e direitos.

Devemos tratar as outras pessoas da mesma forma que queremos que elas nos tratem.

Devemos lutar para sermos pessoas felizes e fazermos felizes quem nos rodeia.

Só assim poderemos viver em paz e contribuir para que o mundo se vá tornando cada vez mais justo.

Vamos melhorar o mundo... respeitando as pessoas que são diferentes de nós!





Era uma vez uma grandiosa floresta repleta de árvores enormes e seculares .

Nessa floresta existiam carvalhos, choupos, noqueiras, freixos, acácias, salgueiros e ulmeiros; uma diversidade de árvores magníficas que atingiam trinta e quarenta metros de altura. A floresta era, por isso, muito verde, muito densa e com o ar muito puro.

Os carvalhos tinham troncos tão grossos que dava para se fazer casas lá

dentro. Eram o espaço privilegiado dos esquilos e dos coelhos que construía grandes tocas com vários pisos. Algumas até tinham escadas e elevadores.

Num desses grandiosos carvalhos, de vinte metros de altura, de copa arredondada, com um tronco de casca acinzentada e ramos avermelhados cobertos de pêlos, vivia uma grande família de esquilos: a família Ratufa.

Todos os membros da família tinham enormes olhos, dentes colossais e pernas musculosas que lhes permitiam saltar distâncias de mais de cinco metros. As crianças faziam incríveis acrobacias: davam quedas de trinta metros e não se magoavam.

- Dentinho, já te avisei que não que-



ro que te atires da varanda! – gritava a mãe do esquilo, zangada.

Mas Dentinho não resistia e de manhã, quando acordava, atirava-se da varanda do quarto.

– Assim é muito mais rápido. Chego à cozinha antes dos outros e fico com as nozes maiores.

Depois chegavam os irmãos, que desciam pelas escadas, e o alvoroço era enorme. Desapareciam dos cestos dezenas de nozes e de bolotas e no ar instalava-se um enorme silêncio.

Iam todos para a escola, mas Dentinho ficava em casa com a mãe. Logo de seguida, começavam as limpezas na cozinha e a criança aproveitava para ir passear pela floresta.



- Olá! - disse uma voz muito doce.
- Quem és tu?
- Sou o Dentinho e tu?
- Sou Alegria, a fada desta floresta. Não se nota pelas minhas asas?
- Talvez se note, mas eu não vejo; sou cego!
- Oh, desculpa. Não me apercebi. - disse Alegria, envergonhada.
- Deixa estar... já estou habituado. O pior é que as outras crianças gozam comigo, chamam-me nomes e não me deixam brincar com elas. Até os meus irmãos quando vão passear não me levam; dizem que eu só atrapalho.
- Quando Dentinho falou notou-se uma grande amargura na sua voz. Alegria deu um suspiro de tristeza.



«Como podem os outros ser tão maus, tão insensíveis?» – pensou.

– Mas isso é um grande disparate; não é justo! Tu não vês, mas podes fazer tudo aquilo que os outros fazem. Talvez até haja coisas que fazes melhor... – proferiu a fada, indignada.

– Isso não sei. Nunca me deixam fazer nada. Sou sempre posto de lado...

Alegria estava enfurecida com toda aquela maldade, com toda aquela injustiça. As fadas são muito simpáticas, muito amáveis, mas perante a crueldade dos outros ficam enraivecidas e quando isso acontece o melhor é não estar por perto.

– Deixa-os estar, Dentinho. Ainda se vão arrepender. Anda comigo, vamos



brincar; adoro construir castelos com ramos e folhas. Vens?

- Vou. Mas porque é que tu não fazes uma magia e os castelos aparecem? Tu és uma fada - perguntou dentinho, convencido de que a varinha mágica podia fazer tudo.

- Ora, e que piada é que isso tinha? É muito mais giro brincar. Eu só uso a varinha de condão para coisas sérias.

- Ai é? Então podes curar-me? Podes dar-me visão? - questionou, de novo, cheio de esperança.

- Não, amigo, isso não posso. Quero ajudar-te, mas as magias que faço não dão para tanto - respondeu Alegria, comovida.

Enquanto apanhavam ramos e folhas,



Dentinho começou a cantar de satisfação. Pela primeira vez era convidado para brincar e não era por uma criança qualquer, era por uma fada-menina.

A fada cessou a sua tarefa e ficou a escutar atentamente Dentinho. Estava boquiaberta, emocionada. Ao fim de algum tempo, conseguiu exclamar, com a voz trémula:

- Dentinho, tens uma voz magnífica... fantástica!

O esquilo, que continuava atarefado, também fez uma pausa e, admirado, questionou:

- Achas, mesmo? Nunca ninguém me disse isso.

- Porque nem olham para ti; porque não te prestam atenção. Porque os ou-



tros são mais cegos do que tu, são cegos da alma, do coração; e não há pior cegueira do que aquela que atinge o coração – afirmou a fada.

Dentinho ficou ainda mais feliz; para além de ter encontrado uma amiga, descobriu que tinha uma linda voz.

- Tive uma boa ideia – disse Alegria.
- Amanhã vou apresentar-te um grande amigo. Ele é muito culto e é maestro. Tenho a certeza de que te ajudará a seres um grande cantor.

Naquela noite Dentinho não conseguiu dormir. Estava agitadíssimo de felicidade. Mal amanheceu, como de costume, atirou-se da varanda, mas nem tomou o pequeno-almoço; foi a correr encontrar-se com Alegria.



Alegria, que ainda estava deitada num colchão de pétalas, acabara de acordar e espreguiçava-se deliciada.

- Bom dia, Alegria! Estou pronto para a caminhada. Trouxe umas bolotas para comermos.

- Bolotas?! Achas que gosto de bolotas? Não sou um esquilo, sou uma fada; esqueceste-te?

- Oh... pois és... esqueci-me.

- Deixa lá, apanho amoras; há muitas na floresta.

Caminharam durante horas. Conversaram, cantaram e riram-se das anedotas que Dentinho contou.

- Sabes imensas anedotas, quem te ensinou?



- Ora, inventei. Como estou quase sempre sozinho tento divertir-me como posso; canto, invento anedotas e contos e apanho flores perfumadas para fazer ramos que ofereço à minha mãe.

- Fantástico! Prepara-te, estamos a chegar - informou Alegria.







O amigo da fada era um castor. Atarefado, construía uma barragem, com troncos, no rio.

- Bom dia, Castrim! Ainda gostava de saber como é que tens energia para construir tantas barragens... - disse Alegria.

- Olá, amiga. Que agradável surpresa! Parece-me que trazes companhia.

- É o Dentinho, o meu mais novo amigo. Gostaria que o conhecesses e o ou-

visses cantar, ele tem uma voz maravilhosa.

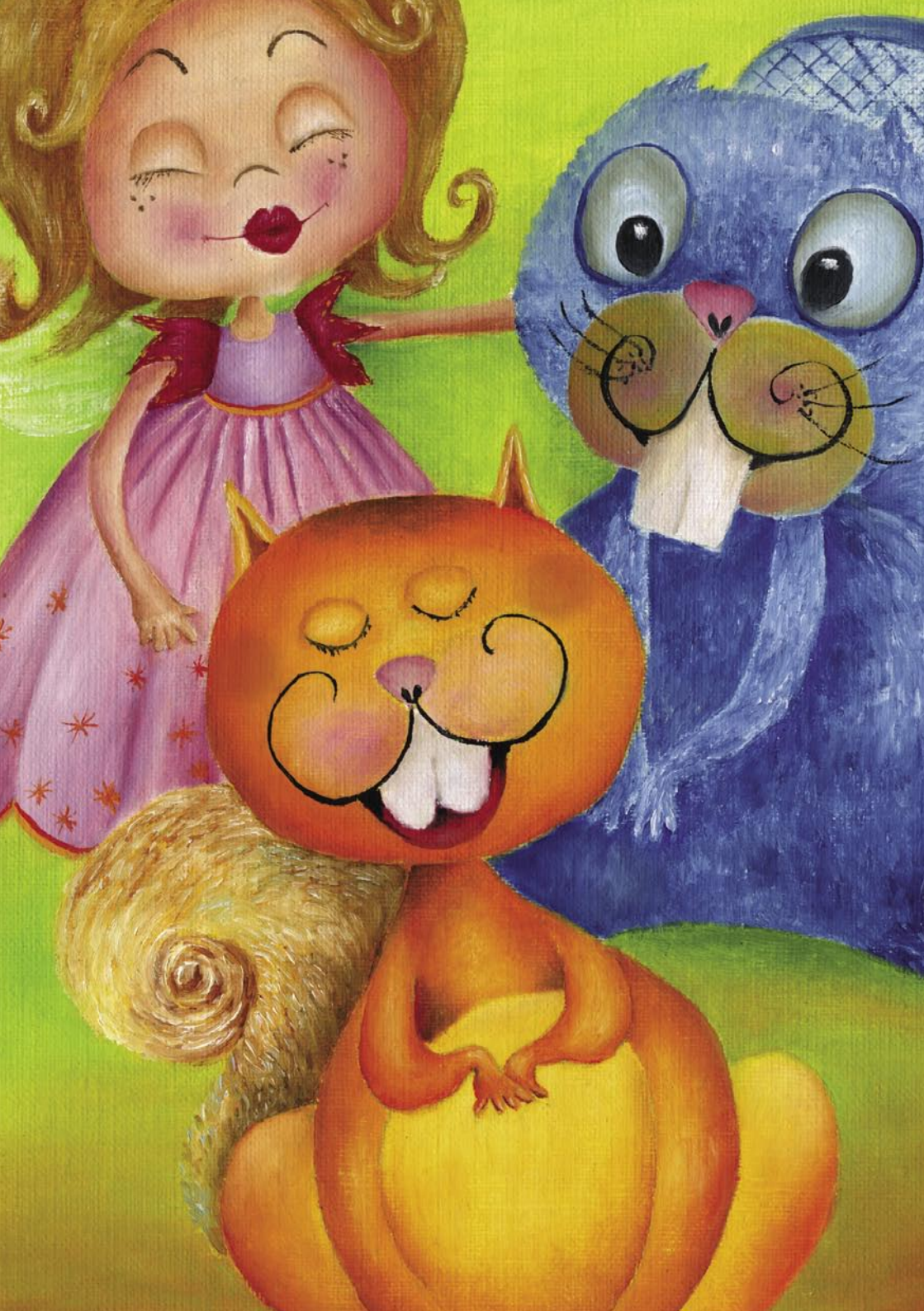
- Muito prazer, Dentinho. Não te consigo ver bem porque sou amblíope.

- E eu sou cego. Também não te consigo ver.

- Com certeza terás outras vantagens - disse o castor. - Eu vejo muito mal, mas tenho um excelente olfacto e uma audição muito apurada. É por isso que sou maestro; decidi dedicar-me à música.

- Ele canta e canta muito bem! - afirmou Alegria, muito alegre. - Canta lá um bocadinho para o Castrim te ouvir.

Dentinho ficou muito corado, afinal nunca tinha cantado para um maestro, mas encheu-se de coragem e deu o seu melhor.



Cantou, cantou, cantou...

Esqueceu-se do mundo que o rodeava e cantou...

Quando acabou, ouviu bater palmas; muitas, muitas palmas. Ouviu: Bravo! Bravo! Bis! Bis!

Eram centenas de vozes em uníssono.

Dentinho estava confuso.

- Estarei a sonhar? - murmurou.

- Não, Dentinho, não estás a sonhar. À tua volta estão todos os animais da floresta. Estão encantados.

E, de facto, à volta de Dentinho tinham-se juntado veados, búfalos, macacos, leões, hienas, tigres, pássaros de todas as cores e tamanhos e, como não podia deixar de ser, todos os esquilos

da floresta, até aqueles que gozavam com ele.

- Fantástico! Fantástico! Tens uma voz maravilhosa. Quero-te na minha orquestra - disse, alto e em bom som, o maestro.





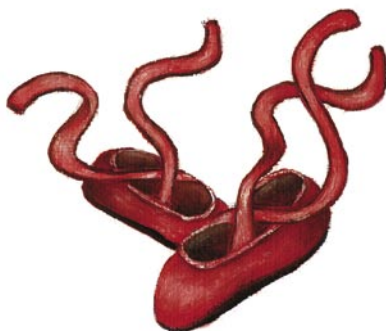
A orquestra do castor era composta por músicos que tocavam diferentes instrumentos.

A pianista, uma gazela lindíssima, andava numa cadeira de rodas. Nem todos tinham problemas físicos, mas muitos tinham, o que não os impedia de serem fantásticos e formarem a mais maravilhosa orquestra de todas as florestas e de todos os tempos.

Quando havia concertos, todos os animais iam assistir. Às vezes também

realizavam lindos bailes de gala, nas clareiras, ao luar.

Mais tarde, motivados por aquele extraordinário exemplo, formou-se um grupo de bailado, onde lindos dançarinos e dançarinas mostravam a toda a população técnicas de dança nunca antes vistas. A professora de bailado era surda, mas era a melhor dançarina daquela região.







Dentinho cresceu. Ficou um lindo e robusto esquilo.

À medida que os anos passavam, cada vez cantava mais e melhor. Começou a obedecer à mãe e já não se atirava da varanda; em contrapartida, nas noites calmas, em que o vento dormia sereno, Dentinho ia para essa mesma varanda cantar e o seu canto encantava todos os animais, que depois adormeciam calmos e felizes.

Actividades



Escrevo, desenho e pinto



Escrevo, desenho e pinto

